

Participação
arguindo bastante mais

concreto

- É sempre uma alíquota de seu trabalho.
- Lijpman ~~de~~ ^{de} ~~mi~~ ^{ple}, precisa, até elefante.
- Evita a colcha de retalhos de ideias, a posição rígida e extrema.

Esquiva-se a assumir uma posição teórica ou metodológica rígida e unilateral, inclinando-se de preferência, e com razão para os critérios mais amplos e talvez indefinidos, com o risco de passar por eclético. Exemplos:

págs, 19, 27, 31, 258 - Evita abordar o conceito de aculturação no sentido estrito, aparentemente, como se sugere à pág. 19., o que lhe fôra dado em 1936 por Herskovits, Linton e Redfield (pág. 19 e também 27). Se não me engano, esse sentido restrito é o que exige contato direto e contínuo das culturas. É significativo que um dos responsáveis por esse suposto conceito restrito, Herskovitz, que com aqueles seus dois colegas participou do sub-comité sobre aculturação do Social Science Research Council, inclui em seu livro sobre Aculturação, publicado em 1938 várias resenhas de obras sobre o assunto onde aparecem por vezes contatos isolados ou intermitentes de culturas.

pagx. 278 - dando primazia, naturalmente a um tratamento funcionalizando assunto, não quer prescindir, por outro lado, das perspectivas diacronicas.

e à
pág. 256 - No estudo do processo aculturativo julga importante, da mesma forma, considerar a dimensão histórica, observando: "Embora em tese sujeito à regularidade, o processo é de natureza histórica, sempre único e irreversível.

De passagem, e como professor de História, quero levantar meu pequeno protesto contra essa frase, que parece querer ver no histórico apenas o domínio da unicidade, da irreversibilidade, do qualitativo, recusando-se a considerar as regularidades, as relações causais, os elementos quantitativos ou quantificáveis. Esse ponto de vista é o que, reagindo contra o positivismo do século XIX pretendia definir a história ~~como~~ por oposição às ciências chamadas nomotéticas (ela seria uma ciência idiográfica) e que tem algumas das suas expressões maiores nas obras de um Dilthey, de um Windelband, de um Croce, de um Collingwood, etc. Resume-se, em sua posição mais extremada e naturalmente mais simplista, em considerar o processo histórico como uma sucessão de atos. Exatamente o aspecto mais significativo e fecundo da moderna historiografia situa-se na preocupação, em muitos casos bem sucedida, sobretudo na história econômica, para superar-se aquela definição, sem recair na positivismo novecentista. Lütge e Abel, o movimento dos Annales e, nos EE. UU. os estudos de história empresarial e as tentativas mais recentes de Alfred H. Conrad e John R. Mayer. Contudo não quero insistir nessa Methodenstreit nova que levaria longe e me faria perder de vista o que importa dizer.

Felizmente o seu trabalho oferece pontos de apoio para ~~memória~~ ~~maior~~ a abordagem de aspectos que podem mais vivamente interessar a um historiador. Assim, espero não precisar ir muito além de minha chinela. Em alguns casos ele cabe menos. O caso, em particular dos grupos indígenas do Alto-Xingú que só começaram a ser melhor conhecidos no final do século passado. E ~~mesmo~~ ao abordar esses grupos que formaram uma espécie de mercado-comum, que não exclui pretensões hegemônicas, como as dos ~~Amorim~~ Suiá (ver

pág. 282 e outras) e ver ainda mais o estudo que lhes dedicou Claude Levi-Strauss no Handbook of South-American Indians onde se mostra como aquelas tribos se entrosaram, sem perderem sua individualidade cultural. ~~Amorim~~
pg. 78 - O odio, embora irracional, como recurso para tomar cons-

ciencia, cada qual, de sua própria identidade. Lembrar Martius: quando uma tribo amazonica se designa a si mesma, indica logo em seguida o nome do grupo inimigo, como se a existência de um adversário natural fizesse parte de sua própria identidade como tribo. Carl Schmitt, teoria da Politico, como domínio da polaridade Amigo-Inimigo.

Mesmo nesse capítulo tenho meios de fazer um reparo ou uma pergunta. A pag. 76 nota., a propósito do propulsor de flechas, cita o caso dos antigos Caiapó do sul. Parece-me que não se tratava de propulsor e nem de flecha. Os dados históricos indicam que esses Caiapó se serviam de suas bordunas ou, ~~bilros~~ bilros, não só para bater diretamente no adversário como para atremesar contra ele esses bilros, sem servir-se de propulsor. Seria antes um bilro ou uma lança de arremesso. De onde o nome de bilreiros ou ibirajara, que nos documentos históricos aparecem às vezes como sinónimo de Caiapó. Chegaram a ocupar parte do território atual de S. Paulo e um depoimento diz que certa vez invadiram a vila de Jundiá e tocaram o sino da igreja, fugindo espavoridos quando lhe ouviram o som. Informações jesuíticas.

~~Uma~~ Se as tribos do alto-Xingú requerem o estudo de aspetos económicos e ergológicos, os Guaraní do sul são estudados mais do prisma religioso. A este propósito diz à pag. 284, em baixo, que entre os mesmos Guaraní, "a religião é o centro em torno do qual se organiza toda a cultura da tribo". à pag. 279: "o conjunto de valores nucleares, os da esfera religiosa, precisamente os determinantes da configuração ou da cultura dos Kayová, como dos outros Guaraní", e ainda pag. 287: "orientação mística dos Guaraní em confronto com o caráter bem mais secular da dos xinguanos".

Minha pergunta, teste caso seria: a suposta orientação mística ou religiosa dos atuais guaraní não se explicaria antes pelo fato de se acharem hoje despojados de outros recursos, materiais ou não por onde possam afirmar sua identidade cultural. Entre os xinguanos essa identidade prevalece apesar de todas as diferenças e um pouco em resultado delas. Além disso o seu contacto com os brancos deu-se num século de agnosticismo que não devia ameaçar obrigatoriamente sua possível religiosidade. Entre os Huaraní, a religião ~~amamnistina~~ seria o único abrigo de que podem dispor. Eles se refugiariam nessa religiosidade, o único bem ~~na~~ de que ainda podem desfrutar sem ser vivamente perturbados.

Outra pergunta, de natureza histórica. Essa religiosidade seria um valor inato na sociedade guaraní. Dispomos é certo de poucos elementos para saber em que consistia a cultura "espiritual", digamos assim, dos Guaraní antes de seu contato com os europeus. Sobre seus parentes os Tupí estamos aparentemente melhor informados, graças, em parte as informações quinhestistas de Thevet e aos estudos modernos de um Métraux. Métraux explica largamente as antigas migrações tupís e também guaranis, algumas delas anteriores à conquista, pela procura

1
Auxílio
da his:
tória:
V. p. 3
em baixo

2
p. 234
As gua-
ranis
"místicas"
por esta
razão.

de uma terra sem mal. Mas essa procura ou demanda não teria necessariamente conteúdo religioso ou místico.

Dos Tupí, no Diálogo sobre a Conversão do Gentio, diz Nobrega: "**nam sabem que cousa hé crer nem adorar**" e tamanho apego tinham às coisas materiais e à existência neste mundo, que não queriam ouvir falar em morte.

Padre Braz Lourenço (em 1554): "**como vino a hablar de la muerte no quisiéron oít, y diziam a la lengua que no hablase más, que ya hecho era, que cantasen**"

Padre Luiz da Grã (1554): "**El hablar de la muerte es acerca dellos mucho odioso**"

Nobrega (1556-1557): Se lhes falam em morte "**morrerão da imaginação**".

Padre Nicolas del Techo, Historia de la Provincia del Paraguay, ed. de 1897, tomo 2º: "**A ningun dios ~~adoran~~ adoran**", e também insiste no pavor com que consideravam a idéia da morte.

pág. 111 - Schaden acentua, ao contrário a impertubavel serenidade com que os atuais Guaraní, particularmente os Apapokuva, enfrentam a hora da morte

pág. 126.- Acerca do "batismo" dos Apapokuva, Schaden parece admitir, ~~mas~~ com Niemundajú que o sacramento foi reinterpretado segundo a ideologia aborígene. A pag.

pag. 236.- relaciona-o, é certo a uma tendência contra-aculturativa, melhor a um sincretismo que não passava em verdade de simples concessão aos índios catequizados com o intuito de reconduzi-los "à prática da religião guaraní". E lembra à

pag. 237 o caso de um pagé reacionário que depois de imitar as ceremonias cristãs pronuncia palavras em Guaraní que significam: "Eu te batizo para retirar-te o batismo".

Lembro-me a propósito da passagem do padre Nicolas del Techo onde declara que após o sacrifício do padre Castillo, no Guayrá, o cacique Niezú mandou que se lavassem os meninos batizados "á quienes en desprecio del Sacramento lavó con agua caliente como para borrar sus efectos, raspándoles la lengua con ~~xxxx~~ una concha áspera, por la sal bendita que en ella se habia echado"

E em outro lugar escreve ainda Techo que a fórmula utilizada pelos pagés para rebatizarem os neófitos, era esta: "Yo te lavo para que se te borre el Bautismo de Cristo".

Seria esse uso específico dos Guaraní ?

A verdade é que, curiosamente, o mesmo expediente, com as mesmas características, aparece entre numerosos grupos indígenas. Georg Friederici, que lhe dá o nome de Untäufung, e que eu traduziria por desbatismo encontra esse uso até no Canadá, a propósito dos índios batizados pelos jesuitas franceses. Casos de índios que, atingidos por algumas gotas de água benta, julgavam-se batizados, saíam a lavar o corpo com água quente e areia, julgando assim livrar-se dos efeitos do temido sacramento.

Sua explicação é de que os índios, bons observadores, não deixavam de notar como as crianças batizadas às vezes em massa pelos missionários prontamente morriam -- porque nas épocas de varíolas e sarampos era mais farta a colheita dos padres -- e o ~~mas~~ é que tendiam a ~~considerar~~ considerar a água benta uma coisa venenosa que se não matava, debilitava os indivíduos por ela atingidos

-- pag. 177 : os Guaraní criam galinhas mas não se aproveitam dos ovos. Lembrar Thevet, segundo o qual os ovos passavam por venenosos entre os Tupinambá. E Lery fala no escândalo que provocavam nos índios certos cristãos quando estes devoravam quatro e 5 ovos numa refeição. Pois, diziam, um ovo corresponde a uma galinha, e uma galinha dá de sobra para alimentar duas pessoas.--